



DE(S)COLAR DE CASA: DILEMAS CONTEMPORÂNEOS DOS CASAIS DE AERONAUTAS

Marília Saldanha da Silva¹

Este trabalho visa apresentar os principais tópicos abordados na dissertação de mestrado (Silva, 2010) *De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas*, assim como os resultados obtidos na pesquisa qualitativa, que integrou o trabalho e que foi realizada com oito participantes desta categoria profissional.

Diversos teóricos das ciências sociais e humanas têm se debruçado sobre a temática da divisão de tarefas domésticas e das responsabilidades familiares, dentro e fora do Brasil. Este tema traz para o cenário acadêmico não somente a relação entre homens e mulheres na contemporaneidade, como também ajuda a direcionar holofotes para a vida privada, mais especificamente para a vida doméstica, cotidiana, onde a tessitura dos relacionamentos humanos se desenvolve primordialmente.

A vida privada abarca duas esferas que se entrelaçam na vida dos casais: a conjugalidade e o exercício da parentalidade. É cada vez mais intrincada a questão da administração do dia-a-dia, hoje, entre os casais em famílias nucleares nos centros urbanos. Homens e mulheres trabalham cada vez mais em horário integral e se vêem divididos diante de propostas igualitárias de relacionamento em contraposição às práticas tradicionais. Parece que a transformação das mentalidades nas relações de gênero, no que tange especificamente as divisões de tarefas domésticas, foi insuficiente. A lacuna deixada pelas mulheres na vida privada, com sua entrada maciça no mercado de trabalho, não foi ocupada por outros senão por elas próprias, que se dividiram e se multiplicaram em muitas para poder conciliar família e profissão. Este fenômeno caracteriza a dupla jornada feminina de trabalho, tanto no contexto brasileiro quanto no internacional, como será ilustrado a seguir.

Dentre algumas conclusões desenvolvidas a partir da análise dos dados da pesquisa do IBGE (Soares e Saboia, 2007), algumas foram destacadas aqui, pois se referem ao propósito deste trabalho. A primeira é de que na sociedade brasileira, as tarefas domésticas ainda constituem uma atribuição das mulheres, embora se tenha observado um pequeno aumento da participação masculina, principalmente entre os mais velhos; a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não as isentou nem reduziu a jornada delas com os afazeres domésticos; a intensidade

¹ Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Email para contato: mariliasaldanha@yahoo.com.br



do trabalho doméstico é ainda mais elevada em mulheres em idade produtiva e com filhos pequenos; o somatório do trabalho semanal da mulher com a casa, com os filhos e no mercado supera em até quase cinco horas a carga horária dos homens; não se observou um compartilhamento das atividades domésticas das mulheres com os cônjuges; observaram-se fatores que reforçam essa desigualdade, tais como a baixa participação dos meninos nos trabalhos domésticos, o que corrobora a construção da ideia de que as tarefas do lar são eminentemente femininas.

O cenário internacional apresenta pesquisas que trazem resultados similares. Aguirre et al.(2005), ao relacionarem o tempo dedicado ao trabalho mercantil e o tempo destinado ao trabalho familiar doméstico, em Barcelona, constataram que as mulheres em todos os grupos de idade dedicam mais tempo ao trabalho doméstico que os homens, mas é na faixa dos trinta anos, que as diferenças se acentuam. É nesta faixa etária que homens e mulheres se encontram mais envolvidos com suas atividades profissionais; nesse período muitas mulheres já se encontram casadas e com filhos pequenos. Pesquisas realizadas entre 1989 e 1999 (Coltrane, 2001:428) têm apontado que a dupla jornada de trabalho feminina, efeito desta divisão desigual, tem incrementado a insatisfação marital e a depressão nas mulheres, além de se constituir num empecilho para seu desenvolvimento profissional.

As pesquisas (Araújo e Scalon, 2005) apontam para um fenômeno que se confirma dentro e fora do Brasil: as mulheres ainda são consideradas as maiores responsáveis pela administração do lar e despendem mais horas com essas atividades do que os homens. Guardadas as variações e particularidades de uma pesquisa e outra, e o fato de que os homens aumentaram sua participação na vida privada, esta mudança ainda é considerada pequena para alterar as desigualdades de gênero existentes. Em suma, a dupla jornada é o símbolo, como afirma François de Singly (2007: 151), da manutenção da atribuição das mulheres à esfera doméstica.

Gestão do cotidiano

Há uma tentativa de coordenar o mundo doméstico com suas tarefas de natureza circular, rotineira e interminável e cujas demandas não podem ser postergadas por muito tempo, em contrapartida com a vida pessoal, conjugal, profissional e com o exercício da parentalidade. Este desafio que os casais enfrentam diariamente se torna ainda mais complexo ao se adicionar o fato de que os papéis de gênero estão em plena transição, ou seja, menos claramente delimitados. As barreiras que separavam os territórios de ação dos homens, de um lado, e das mulheres, do outro, foram dinamitados pelo movimento feminista. Desde então, ambos vêm aprendendo a circular



nestes domínios de competência do doméstico (os homens menos) e do público (as mulheres mais), enfrentando obstáculos de várias ordens: sobrecarga de trabalho, estresse, busca pelo sucesso e tempo pulverizado pelo cotidiano assoberbado de atividades dentro e fora de casa (especialmente as mulheres). Tais mudanças Araújo (2009:10) afirma:

(...) não acontecem de forma tranqüila e sem resistências, pois o reordenamento igualitário de papéis, posições e relações, envolve um enfrentamento diário de conflitos e contradições visíveis na reprodução e cristalização de práticas desiguais, no cotidiano familiar.

Entre pousos e decolagens

Neste estudo (Silva, 2010) se procurou investigar como ocorrem a divisão de tarefas domésticas e o compartilhamento parental entre membros de casais de aeronautas² e examinar se em tal população se apresentaria um acirramento das desigualdades de gênero. Foram entrevistados quatro casais; com no mínimo três anos de união; classe média urbana; habitantes da cidade do Rio de Janeiro; de nacionalidades variadas³; entre 35 e 46 anos; com pelo menos um filho (do próprio casal) com no máximo dez anos de idade; atuantes em seus trabalhos.

Os casais desta pesquisa trabalham no mesmo contexto profissional e têm carga horária de trabalho similar. Exercem uma atividade profissional que os obriga a lidar não somente com diversas viagens (nacionais ou internacionais) ao longo de cada mês, e o conseqüente afastamento do lar, quanto com a fadiga de voo⁴ e uma escala de serviço que se não for a mesma para o casal, fará com que ambos experimentem um constante desencontro, já que muitas vezes um está chegando do trabalho e o outro ou já partiu ou está partindo. Eis um complicador para os arranjos familiares.

A atividade profissional dos aeronautas é caracterizada pelos horários de trabalho fora do padrão que atendem a uma demanda típica da pós modernidade: um serviço que opera em sistema de 24h. Por conta deste fator, o contexto laboral dessas pessoas, que é desempenhado em turnos alternantes é considerado bastante peculiar.

Foi observado no discurso dos entrevistados a modernidade e o conservadorismo das percepções e práticas na divisão das responsabilidades e tarefas domésticas. Esta mescla de ideologias presente nos comportamentos dos casais de aeronautas é consonante com o que se

²Categoria profissional que inclui comissários e pilotos da aviação comercial dentre outros.

³ É um grupo profissional bastante heterogêneo, que congrega pessoas de diversas regiões do Brasil.

⁴ O DIESAT (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho) define fadiga de voo como sendo um quadro clínico que se desenvolve toda vez que o organismo não for capaz de se recuperar completamente devido a um período de repouso inadequado após um voo. Já é considerada, em muitos países, como uma doença profissional, específica desta categoria, com uma prevalência bastante alta.



encontrou na literatura em relação a casais de outras categorias profissionais. As seguintes questões-chave permearam este trabalho: como as relações de gênero (nesse subgrupo) interferem na dinâmica da conjugalidade e no exercício da parentalidade? Em que medida o contexto peculiar das atividades desses profissionais influencia as práticas e as percepções acerca dessas dinâmicas? Qual o lugar reservado à mulher nessa conciliação da vida doméstica com o trabalho? Qual o envolvimento dos homens com o mundo doméstico e o cuidado com os filhos?

Embora essas aeronautas trabalhem no mesmo contexto profissional e com carga horária de trabalho similar a de seus maridos, três delas se envolvem mais com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, despendendo nitidamente mais tempo com estas atividades do que eles. No entanto, somente uma das mulheres se queixou, apontando a falta de iniciativa do marido. Em linhas gerais, nenhum dos entrevistados pareceu perceber a questão da divisão dos trabalhos domésticos como um problema. Todas as respostas, tanto masculinas quanto femininas, foram unânimes em relação a um aspecto: são *elas* as principais responsáveis por levar os filhos ao médico.

Um dos homens mostrou-se bastante envolvido com as lidas domésticas, demonstrando uma intimidade histórica (desde quando morava com sua família de origem participava em casa), no entanto, assim como os demais, se posiciona como coadjuvante nesta parceria. Todos eles se dedicam mais aos filhos do que aos afazeres domésticos: um dos participantes dedica-se mais ao brincar e fazer pesquisas no computador com eles; dois envolvem-se bastante com os cuidados gerais; o mais jovem, que está com bebê, só cuida inteiramente deste quando nenhuma das mulheres está presente (esposa ou a sogra). A vida conjugal de todos os casais desta pesquisa é deixada em segundo plano em prol dos filhos.

Não pareceu ocorrer entre os casais, uma negociação que pudesse ser considerada fruto de diálogos a respeito dos compartilhamentos domésticos e o cuidado com os filhos. Os arranjos pretendem ser “espontâneos” e não burocratizados, o que leva a crer que suas estratégias são regidas pelas ideologias de gênero.

Chamou a atenção o fato de não ter sido levantado um questionamento sequer por parte de nenhum dos cônjuges a respeito dos arranjos estabelecidos pelo casal; ou em relação à empresa, quanto à participação desta no sentido de favorecer a conciliação trabalho/vida familiar. Todos pareceram muito conformados com as renúncias; com o pouco tempo para a vivência da conjugalidade ou para si; com o cotidiano corrido; com as dificuldades impostas pelas conciliações trabalho e família.



Cabe assinalar que este trabalho de turnos alternantes desorganiza o cotidiano dos casais que buscam soluções tradicionais e individualizadas para equacionar o problema: por exemplo, três mulheres participantes da entrevista optaram por trabalhar na ponte aérea⁵ para, com isto, assegurar sua presença diária com os filhos; dos quatro homens entrevistados, somente um optou pelo mesmo sistema e pelo mesmo motivo. Se, por um lado, esta opção promove a aproximação com os filhos, por outro reduz o salário do trabalhador, além de eliminar o benefício das viagens que os voos nacionais ou internacionais promovem.

Um fenômeno curioso acontece: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de apoio; entendem que o terreno de ação no cuidado com os filhos e/ou da casa é um poderio feminino, mas não conseguem (ou não querem) furar o cerco. As mulheres, por sua vez, alternam seu posicionamento na casa, ora são coordenadoras, ora são auxiliares ou ainda substitutas das empregadas, conciliando suas folgas com as destas.

O casamento e os filhos não são impedimentos para o exercício do trabalho remunerado para nenhum dos integrantes da díade. São, na verdade, complicadores de maior peso para as mulheres e são elas que fazem movimentos concretos para efetivar mudanças conciliatórias entre a vida profissional e familiar. A postura destas mulheres contribui em grande medida para a permanência da associação existente entre a função de cuidar da casa e dos filhos com a de um papel prioritariamente feminino.

Mereceu atenção especial buscar compreender as relações de gênero, as ideologias que permeiam os comportamentos e os arranjos matrimoniais resultantes da interação com o trabalho. Com exceção de um casal, os participantes desta pesquisa, estão em seu primeiro casamento com filhos desta união, configurando assim um formato mais tradicional. A modalidade de duplo trabalho (ambos comissários) ocorre em três dos casais, sendo que num destes, o homem é também *personal trainer* em educação física e está se preparando para ser piloto; o quarto casal, o marido é piloto e também advogado.

Não foi propósito deste trabalho afirmar que a equação da problemática vivida pelos casais participantes da pesquisa caberia somente a eles resolver. Procurou-se chamar a atenção para a parte que cabe às políticas sociais e ao fato de que todos podem ser agentes no processo de transformação (a empresa, inclusive, no caso destes profissionais). Badinter afirma (2005:170) que as creches suplementares e melhores possibilidades de cuidado com os filhos a domicílio contribuem mais para a igualdade entre os sexos do que todos os discursos sobre a paridade, incluindo aqui a licença-

⁵ Sistema de voos Rio-São Paulo



paternidade. Esta última, segundo a autora, marca simbolicamente o fato de que a conciliação entre vida profissional e vida familiar não diz respeito unicamente à mãe. No Brasil, a licença-paternidade de apenas cinco dias, talvez transmita a mensagem de que esta conciliação diz respeito *essencialmente* à mãe. Cinco dias são “suficientes” para que um marido traga sua esposa do hospital para casa e corra imediatamente para o mundo do trabalho onde é o seu “devido lugar”. A aprovação do projeto de lei que amplia esta licença para quinze dias não modifica muito esta realidade.

Outro aspecto que se procurou registrar e compreender aqui foi o da adesão visceral das mulheres ao seu papel social de dona-de-casa e como esta figura é uma forte referência que ainda persiste no imaginário social. A partir deste entendimento passou-se a pensar que talvez seja um momento de buscar novas referências e redesenhar o cenário atual favorecendo um distanciamento entre a mulher e o papel historicamente construído de dona-de-casa, para permitir assim descolá-lo da identidade feminina. Mulheres *descoladas* poderiam se constituir numa nova referência e proposta de postura pós moderna, talvez um novo slogan libertário: sem desvalorizar o que foi construído historicamente, e transmitido através de gerações, mas propondo um maior (e genuíno) desengajamento do mundo doméstico. Em suma: dessexualizar as competências domésticas, promovendo desta forma a indiferenciação dos papéis nesta área específica. Uma possibilidade que, se acredita, possa abrir espaço para a melhoria da qualidade conjugal; para o exercício de um compartilhamento parental mais democrático; e um aumento acentuado nas chances de ascensão na carreira profissional para as mulheres que assim o desejarem.

Simone de Beauvoir (1995:264) já dizia que só um trabalho autônomo poderia assegurar à mulher uma autonomia autêntica e, embora apostasse no benefício libertador que o trabalho traria às mulheres, já sabia que este não seria suficiente. A autora reconhecia o peso das prescrições culturais e das normas sociais, da dependência interiorizada das mulheres e da dificuldade destas de se apoiarem em si mesmas. Muitas de suas observações ainda se mantêm atualizadas:

Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho “fora de casa” não representa, no quadro do casamento, senão uma fadiga a mais. Aliás, amiúde, o nascimento de um filho as obriga a confinarem-se em seu papel de matronas; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade.

Hoje as ideologias de gênero tradicionais e igualitárias se mesclam e, em dosagens diferentes, regem os comportamentos de homens, mulheres e sociedades. Durante o desenvolvimento desta dissertação foi possível observar a força dessas ideologias arraigadas no subgrupo entrevistado.



A presença de homens e mulheres trabalhando lado a lado nos mais diversos setores produtivos não eliminou totalmente as desigualdades existentes entre os sexos, principalmente na vida privada, mesmo com a saída das mulheres para a vida pública. O cenário apresenta mulheres sobrecarregadas com a conciliação do triângulo trabalho-família-casa e que perdem um bem precioso e irrecuperável que é o tempo. Restou a impressão, diante dos relatos das mulheres entrevistadas, de que elas conquistaram um trabalho, mas não uma autonomia. Com isto ficou uma questão que não foi abordada e que surgiu *a posteriori*: será que intimidade e autonomia são sentidas como inconciliáveis?

Defende-se aqui a ideia de que, enquanto homens e mulheres estiverem pouco conscientes a respeito das ideologias de gênero que regem seus comportamentos, o prato da balança continuará desequilibrado, pesando mais para um dos lados: seja com mulheres sobrecarregadas ou com homens trocando de papéis com estas e, assim, colaborando para a manutenção da dupla jornada.

As conciliações entre trabalho e família demandam atenção especial por parte de todos os envolvidos: mulheres, homens, pesquisadores, empresários e o Estado. Acredita-se que uma verdadeira aproximação entre o discurso igualitário, herdeiro de posturas mais democráticas e uma práxis que referende os papéis de gênero contemporâneos favoreça o processo de transformação das sociedades, em especial, o do Brasil. Nesta transformação estaria embutida uma verdadeira compreensão e apoio pelo desejo de realização profissional das mulheres, pelo papel do pai mais envolvido com o mundo familiar, assim como uma intensa revisão das instituições e políticas que atendam às novas necessidades que os papéis de homens e mulheres contemporâneos exigem.

Bibliografia

AGUIRRE, Rosario; SAIZ, Cristina e CARRASCO, Cristina. El tiempo, los tiempos, una vara de desigualdad. CEPAL: Unidad Mujer y Desarrollo. Serie Mujer y Desarrollo. Santiago de Chile: julio del 2005.

ARAÚJO, Clara.; SCALON, Maria Celi. *Gênero, família e trabalho no Brasil*. FAPERJ. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARAÚJO, Maria de Fátima. *Gênero e família na construção de relações democráticas*. Em: FÉRES-CARNEIRO, T (org.). *Casal e Família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009. pp 9, 23.

BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. São Paulo: Círculo do livro, 1995.



DIESAT. Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho. *Aeronautas condições de trabalho e saúde*. São Paulo, 1995.

SCOTT, Coltrane. Research on household labor: modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. Em: Milardo, R. *Into the new millennium: a decade in review*. National Council on Family Relations NCFR. 2001.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SILVA, Marília Saldanha da. *De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas*. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SOARES, Cristiane.; SABOIA, Ana Lucia. IBGE. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios de 2001 e 2005*. 2007.